

1

Introdução

O objeto de estudo desta dissertação é um fenômeno complexo, que parece ser universal e tem sido alvo de intensos debates na literatura, sendo, inclusive, considerado como um dos temas mais bem estudados no que concerne às construções elípticas, a saber, o *sluicing* (cf. exemplo em (1)) (Merchant, 2013b)¹. No entanto, apesar de sua reconhecida importância, não dispomos de um tratamento específico e acurado do tema em relação ao português brasileiro (PB), já que a maioria das análises propostas se concentra em dados do inglês. O presente trabalho, portanto, se inscreve no contexto deste campo de estudos e se propõe a fornecer um exame mais detalhado do fenômeno *sluicing*, considerando-o em seu comportamento sintático-semântico. Mais especificamente, nosso objetivo é verificar o que dados do português brasileiro envolvendo apagamento de preposição órfã nos dizem sobre a sintaxe da estrutura elidida em contextos de *sluicing*.

(1) João falou com alguém, mas eu não sei com quem ____ [TP ~~João falou~~]

Tomando como ponto de partida a disputa de análises suscitada pelos trabalhos de Almeida & Yoshida (2007) e Rodrigues et al. (2009) sobre o fenômeno *sluicing*, buscamos, nesta dissertação, oferecer nossa contribuição, apresentando uma investigação de cunho experimental, no sentido de elucidar as questões teóricas envolvidas no debate.

O texto considerado por nós como basilar para esta pesquisa é o trabalho de Merchant (2001), em que o autor apresenta sua análise das construções com *sluicing*, concentrando-se nos dados da língua inglesa e baseando-se nas considerações tecidas por Ross (1969) sobre o tipo de elipse em questão. Na teoria das

¹ Segundo o autor, elipse de VP e *sluicing* são os tipos de elipse mais bem estudados no contexto dos fenômenos elípticos em geral, considerando-se a literatura em língua inglesa.

elipses concebida por Merchant (2001), dentre muitos aspectos interessantes, destacamos a generalização proposta pelo autor, denominada *Generalização do Encalhamento da Preposição*², segundo a qual uma língua só permitirá o encalhamento da preposição no *sluicing*, caso também o permita nos contextos de movimento –QU regular. Segundo seu proponente, essa generalização é aplicável a todas as línguas.

Apesar de ser construída a partir de dados bastante concisos, a generalização de Merchant não permaneceu intocada, pelo contrário, foi refutada por Almeida & Yoshida (2007), no que diz respeito a sua aplicação para o português do Brasil, já que esta é uma língua que não permite o encalhamento da preposição em perguntas –QU, mas o admite em sentenças com *sluicing*, como mostra os exemplos em (2):

(2) a. *Quem o João falou com?

b. O João dançou com alguém, mas eu não sei [quem] ~~e João dançou [com]~~

Almeida & Yoshida (2007) argumentam que o *sluicing* no PB e o *sluicing* no inglês partilham algumas propriedades, dentre as quais destacam-se não poderem ser tratadas como casos de *pseudosluicing* e melhorarem efeitos de ilha. Segundo os autores, esse compartilhamento de propriedades é uma das principais razões pelas quais o PB representa uma contraevidência à generalização proposta por Merchant, acrescido do fato de que o PB admite o encalhamento da preposição no *sluicing*, mas não em outros casos.

Após considerarmos os principais argumentos de Almeida & Yoshida (2007), passamos a considerar o trabalho de Rodrigues et al. (2009), que apresenta uma proposta diferente da que foi acima exposta e argumenta que a generalização de Merchant e os dados do PB não são incompatíveis. Isso porque, segundo os

² *Encalhamento de preposição* (do inglês *preposition stranding*) é um fenômeno sintático, assim denominado por Ross (1967), em que a preposição regente aparece em outra posição não imediatamente adjacente ao seu objeto regido. Esse tipo de construção é extremamente rara nas línguas românicas, mas é muito comum em línguas como o inglês (cf. (i)). No entanto, tem-se observado, recentemente, que no PB o fenômeno do encalhamento de preposição é permitido, porém lexicalmente definido, ou seja, apenas algumas preposições podem aparecer “encalhadas”, como é o caso das preposições *sem*, *contra*, *sobre* (cf. exemplo em (ii)).

(i) This is [the book]_i I told you **about** *t_i*

(ii) Esse é [um assunto]_i que eu não quero falar **sobre** *t_i*

autores, o *sluicing* no PB envolve a elisão de sintagma de tempo clivado, sendo, portanto, um caso de *pseudosluicing*, ilustrado em (3):

- (3) O João falou com alguém, mas eu não sei [_{CP} quem [_{TP} ~~é~~ [_{DP} a pessoa [_{que} o João falou com]]

Portanto, podemos observar que o *sluicing* no PB envolve um debate de propostas sobremodo conflitante. Nossa pesquisa surge, então, com o objetivo de lançar luz a esse debate, a fim de poder, de algum modo, elucidar um fenômeno tão intrigante como o *sluicing*, para o qual acreditamos trazer novas considerações com esta pesquisa.

Para tal tarefa, abordaremos o *sluicing* com base em dois pressupostos teóricos: (i) a teoria linguística gerativista tal como apresentada em sua versão mais recente, conhecida como Programa Minimalista (Chomsky, 1995); (ii) a metodologia experimental proposta pela psicolinguística.

Para fornecer uma contribuição ao debate em torno do *sluicing* no PB, decidimos utilizar análise teórica aliada à metodologia experimental, pois acreditamos que, desta maneira, estaríamos aptos a verificar a gramaticalidade e complexidade sintática dos dados a serem testados, evitando que variáveis gramaticais e extragramaticais não relevantes para o estudo do fenômeno tivessem efeitos nos resultados finais. Além disso, a metodologia experimental nos auxilia na testagem de hipóteses acerca do comportamento sintático-semântico de sentenças com *sluicing*. Em conformidade com a pesquisa em psicolinguística, os resultados da testagem foram analisados estatisticamente antes de serem interpretados teoricamente.

Nosso experimento apresenta as características que, segundo Featherston (2007), devem definir um experimento, a saber: (i) participantes variados; (ii) elementos lexicais diversos e variantes de uma mesma estrutura; (iii) lista de itens randomizada e equilibrada; (iv) uso de uma escala de julgamento adequada; e, por fim, (v) análise estatística dos dados.

1.1

Hipótese de trabalho

A hipótese de trabalho que orienta a presente pesquisa é a de que o fenômeno de *sluicing* com preposição encalhada envolve estruturas de relativa cortadora. Em face dessa hipótese duas previsões se apresentam: (i) a operação de *sluicing* será mais aceita em estruturas com relativas padrão do que com cortadoras; (ii) o *sluicing* com relativas cortadoras será mais aceito com verbos de ação do que com verbos estativos, pois estes não admitem relativas cortadoras³.

1.2

Objetivos da pesquisa

Nossa pesquisa tem como objetivo geral contribuir para os estudos sobre o *sluicing* no português do Brasil, buscando analisar, por meio de metodologia experimental, o comportamento sintático-semântico dessas estruturas.

Nossos objetivos específicos são os seguintes:

- i. Verificar se o *sluicing* no PB é um caso de *pseudosluicing*, como argumenta Rodrigues et al. (2009);
- ii. Tratar da questão da identidade no *sluicing*;
- iii. Verificar se a generalização de Merchant (2001) se sustenta em face aos dados do PB;
- iv. Aferir a aceitabilidade das estruturas com *sluicing*.
- v. Verificar se os dados de Yoshida et al. (2012) são compatíveis com nossos dados;
- vi. Prover um panorama dos estudos sobre o *sluicing*.

³ Tarallo (1983) demonstrou que havia, no PB, três estratégias de relativização, a saber: (a) relativa padrão, como em (i); relativa cortadora, como em (ii); relativa copiadora, ilustrada em (iii). Este trabalho apenas considerará as duas primeiras.

(i) a pessoa com quem eu falei ontem

(ii) a pessoa que eu falei com ela ontem

(iii) a pessoa que eu falei ontem

1.3 Organização do trabalho

Nesta subseção, mostraremos como está organizada esta dissertação daqui em diante. No capítulo 2, é feita apresentação de um panorama geral sobre as construções elípticas, em que se contempla revisão da literatura sobre o tema, contendo as principais questões que envolvem o fenômeno das elipses, tais como os principais tipos de elipse, a natureza das relações de identidade e as abordagens que dão conta do conteúdo do sítio elidido. Com isso, pretendemos munir o leitor com o conhecimento necessário para a discussão que apresentaremos em capítulo posterior.

No terceiro capítulo, passamos a considerar o fenômeno *sluicing*, suas principais abordagens, seus principais desafios e o tratamento que esse tipo de elipse têm recebido no português brasileiro. Aqui, dedicamos especial atenção à disputa de análises bastante marcante que há em torno do tema nesta língua, considerando os argumentos essenciais de cada uma delas.

O capítulo 4 traz os resultados experimentais decorrentes do experimento de julgamento intuitivo de gramaticalidade conduzido com o fim de verificar a aceitabilidade de estruturas com *sluicing* e o comportamento das mesmas em falantes adultos de português brasileiro. Além disso, inclui nossa discussão dos dados em relação ao que tem sido apresentado na literatura.

Tendo considerado os resultados e as conclusões de nosso experimento, apresentamos, no último capítulo, as nossas considerações finais, retomando os principais pontos discutidos nesta dissertação e apontando para possíveis pesquisas futuras.